

## Marco Antônio: De Herdeiro a Inimigo de Roma

Natália Frazão José\*

**Resumo:** A figura de Marco Antônio configura-se em um ponto chave de inúmeras investigações históricas. Romano por nascimento, militar por escolha, Antônio ganhou grande visibilidade em sua sociedade a partir de seus desempenhos nos campos de batalhas, além das relações que manteve com seus amigos e inimigos. Ainda, o estabelecimento de laços amorosos e políticos com a soberana alexandrina Cleópatra VII rendeu-lhe grande fama, tanto em sua época quanto nos dias de hoje. Comumente, Antônio é apenas lembrado como par de Cleópatra, como seu amante. Contudo, a sua importância social, política e militar, não se encontra atrelada a este relacionamento. Marco Antônio figurou como personagem de destaque após a morte de Júlio César, exercendo importantes cargos e funções como um dos legatários cesarianos. Também, neste período, ocupou um dos principais postos em meio a Roma: tornou-se triúviro. Entretanto, nada lhe rendeu mais fama que sua inimizade para com aquele que um dia iria ser chamado de Augusto. Inimigos políticos, a disputa entre estes dois homens, iniciada logo após a morte de César, moldou-os, transformando para sempre suas imagens. Enquanto Otávio configurar-se-ia no símbolo do bom governante, Antônio seria sua antítese.

**Palavras-Chave:** Roma; República Romana; Marco Antônio; Augusto.

**Abstract:** The figure of Mark Antony is at the heart of innumerable historical investigations. Roman by birth, military by choice, Antonio gained great visibility in his society from his performances in the battle fields, in addition to the relations he maintained with his friends and enemies. Still, the establishment of loving and political ties with the Alexandrian sovereign Cleopatra VII won him great fame, both in his day and in the present day. Commonly, Antony is only remembered as a pair of Cleopatra, as his lover. However, its social, political and military importance is not tied to this relationship. Mark Antony appeared as a prominent person after the death of Julius Caesar, exercising important positions and functions as one of the Caesarian legatees. Also, in this period, he occupied one of the main positions in the middle of Rome: he became triumvir. However, nothing gained him more fame than his enmity with him who would one day be called Augustus. Political enemies, the dispute between the set women, begun shortly after Caesar's death, shaped them, forever transforming their images. While Otavius would fit in to the symbol of the good ruler, Antonio would be his antithesis.

**Keywords:** Rome; Roman Republic; Mark Antony; Augustus.

**Resumen:** La figura de Marco Antonio se encuentra en un punto clave de numerosas investigaciones históricas. Romano de nacimiento, por elección Militar, Antonio adquirido gran visibilidad en la sociedad de su actuación en los campos de batalla, además de la relación que tenía con sus amigos y enemigos. Sin embargo, el establecimiento de las relaciones amorosas y políticas con la soberana Cleopatra VII le ganó gran fama tanto en su época como hoy. Comúnmente, Antonio sólo es recordado como par de Cleopatra como su amante. Sin embargo, su situación social, política y militar, no está vinculada a esta relación. Marco Antonio sirvió como personaje prominente después de la muerte de Julio César, ejerciendo cargos y funciones

---

\* Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus Franca. Pesquisadora do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – LEIR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais. Email: ntjhist@gmail.com

### **Volume 21, número 2: 2016**

importantes como uno de los legatarios cesarinos. También en este período, ocupó una de las principales estaciones en el centro de Roma se convierte triunviro. Sin embargo, nada le trajo más fama que su enemistad hacia el que un día sería llamado Augusto. Enemigos políticos, la disputa entre estos dos hombres, entonces comenzaron después de la muerte de César, los echó, transformando para siempre sus imágenes. Mientras el grupo de Octavio estaría en el buen símbolo regla, Antonio sería su antítesis.

**Palabras-claves:** Roma; República Romana; Marco Antonio; Augusto.

### **Considerações Iniciais**

Durante o período que conhecemos como República Romana, ou, mais especificamente, República Romana Tardia, podemos notar o aparecimento de inúmeros líderes autocráticos que se destacaram perante a sociedade romana, tanto politicamente quanto militarmente. É em meio a estes que nos deparamos com personagens tais como Pompeu Magno, Caio Júlio César, Marco Antônio e Otávio. Homens com carreiras diversas, mas que deixaram suas marcas na sociedade romana de maneiras muito semelhantes.

Marco Antônio figurou como personagem de destaque após o assassinato de Júlio César. Neste momento, figurando como um dos herdeiros de César, exerceu importantes cargos e funções. Era cônsul, tornou-se triúmviro.

Contudo, ao mesmo tempo, desempenhou um dos maiores papéis de sua carreira política: transformou-se em inimigo de Otávio, futuro Augusto, herdeiro testamentário dos espólios de seu tio-avô, Júlio César. A disputa entre estes dois homens, iniciada logo após a morte de César, moldou-os, transformando para sempre suas imagens. Enquanto Otávio configurar-se-ia no símbolo do bom governante, Antônio seria sua antítese. Criações imagéticas frutos de campanhas propagandísticas da época, nem sempre verdadeiras e que tinham como intuito denegrir a figura do outro.

Isto posto, para tentarmos entender como se deu a construção imagética de Marco Antônio, construção esta que perdura até os dias atuais, propomos-nos a analisar as imagens discursivas sobre Marco Antônio em obras de diferentes autores, localizados em períodos distintos do Principado Romano, momento em que notamos uma maior proliferação de relatos sobre Antônio. Para tanto, selecionamos os escritos de cinco autores inseridos neste arco cronológico. São estes: Velíio Patérculo, Plutarco de Queroneia, Caio Suetônio Tranquilo, Lúcio Annaeu Floro e Dió Cassio. Os documentos

**Volume 21, número 2: 2016**

utilizados nesta pesquisa consistem na obra de Veléio, *História Romana* – datada do final do século I a.C. e primeira metade do século I d.C –; nas biografias de Plutarco, *César e Antônio* –, datadas dos séculos I e II d.C e inseridas em sua obra *Vidas Paralelas*.; e nos trabalhos de Suetônio – *O Divino Júlio e O Divino Augusto* – biografias inseridas em seus escritos do II século d.C., as quais receberam o título de *Vida dos Doze Césares*; a obra de Floro - *Epítome de Tito Lívio* – datada do século II d.C. e, por fim, a obra de Dião Cassio – *História Romana* – datada do século III d.C. Pretendemos, através desta seleção, observar como tais escritores criaram determinadas imagens de Antônio e como estas, apesar de terem sido elaboradas em momentos diferentes, apresentam semelhanças e dissemelhanças. Além disso, trata-se de entendermos como estes autores, frutos de suas épocas, criam imagens específicas de Antônio no intuito de criarem, paralelamente, a imagem de Augusto, o primeiro Imperador de Roma.

**A Construção de um Romano: A Genealogia de Marco Antônio**

Nas obras de Veléio, Plutarco, Suetônio, Floro e Dião Cássio, a figura de Antônio aparece em momentos distintos, porém, sempre associada a um personagem principal, como Júlio César ou Otávio. Ao contrário do que acontece com as descrições sobre estes dois homens, pouco ou quase nada se fala da infância de Antônio, de sua família ou de seus antepassados.

As menções de Veléio a Antônio antes do assassinato de César são poucas. Sua imagem aparece associada à figura de um militar, em meio a desempenhos no campo de batalha, função que lhe cabia naquele momento (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 47).

O mesmo acontece com a narrativa floreana, onde Antônio surge em meio as descrições da Guerra Civil entre César e Pompeu, desempenhando, novamente, suas funções militares (FLORO, *Epítome de Tito Lívio* II, 13).<sup>1</sup>

A primeira menção a Antônio feita por Suetônio ocorre, contudo, não associada às funções militares, mas sim, ao desempenho da magistratura de tribuno da plebe, quando este foge de Roma e vai ao encontro de César, no início da guerra civil

---

<sup>1</sup> Floro menciona no Livro I outro militar com o nome Antônio. Porém, não possuímos maiores informações se este teria ou não laços de parentesco com o Marco Antônio por nós aqui analisado.

**Volume 21, número 2: 2016**

(SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXI,1). Em nossa concepção, a citação mais tardia de Antônio na obra de Suetônio acontece porque, até então, as ações sociais e militares deste personagem não lhe atribuíam grande fama e repercussão na sociedade romana.

Dión Cássio, por sua vez, também cita pela primeira vez Antônio da mesma forma, enquanto tribuno da plebe, no decorrer do consulado de Cornélio Lêntulo e Cláudio Marcelo<sup>2</sup>. Ainda, Dión nos diz que “Agora, Antônio, pelos serviços que prestou a Cesar nesta ocasião, estava destinado a ser retribuído e a ser elevado a grandes honras” (*História Romana* XLI, 1.). Notamos, neste ponto, que o autor faz duas colocações que irão direcionar o restante de seu relato. Primeiro, menciona claramente a ligação entre Antônio e César. Segundo, atribuí a esta ligação e as atividades que realizou através desta, todas as glórias recebidas por Antônio. Para nós, parece que o autor tenta expor que é só a partir do elo com Júlio César que Antônio consegue colocar-se em destaque perante a sociedade romana. Ainda, é enquanto este vínculo permanece, que Antônio realizaria as funções que lhe atribuíram glória, ao contrário do que acontece após a morte de César.

Plutarco também cita Antônio em meio a sua descrição da vida de César. Da mesma forma que Veléio, o beociano alude a primeira vez ao nome de Antônio durante o seu tribunato militar, quando lê, segundo o autor, uma carta de César ao povo (PLUTARCO, *César* XXX,3). Contudo, é em sua biografia sobre este personagem que sua vida é minuciosamente relatada.

Logo no início da biografia, são descritos os laços familiares e genealógicos do personagem<sup>3</sup>. Segundo Plutarco:

O avô de Antônio foi o orador Antônio, que Mário mandou executar porque aderira ao partido de Sila. Seu pai também se chamava Antônio e ostentava a alcunha de Cretense; não fizera nome na política, mas era um homem gentil e honesto, muito inclinado a larguezas [...] (PLUTARCO, *Antônio* I,1-2)

O autor mostra-nos, assim, que a descendência de Antônio, ao contrário do que acontecia com César, não era, de todo modo, ilustre. Da parte de seu pai, os representantes de sua família não constituíram riquezas, nem desempenharam grandes funções no meio

<sup>2</sup> Segundo nossas pesquisas, estes homens foram cônsules no ano de 49 a.C.

<sup>3</sup> Dentre nossos autores, Plutarco é o único que se refere à genealogia de Antônio.

**Volume 21, número 2: 2016**

político e social. No entanto, o autor destaca o caráter de seu pai, o qual considera como gentil e possuidor de honestidade<sup>4</sup>.

Ao tratar das origens maternas e sobre a criação de Antônio, o autor nos relata que:

Sua mulher era Júlia, da casa dos césaes, e esta poderia rivalizar com as mulheres mais nobres e mais discretas de seu tempo. Por esta mãe, Antônio foi criado após a morte de seu pai, estando esta casada com Cornélio Lêntulo, aquele a quem Cícero condenou a morte por ser um dos conjurados da Catilina (PLUTARCO, *Antônio* II, 1).

Podemos notar que Plutarco ressalta a educação de Antônio por parte da mãe, mulher que possivelmente possui ligação familiar com a família de César, ponto este que o autor faz questão de apontar, como se intentasse demonstrar que César e Antônio possuíam, de certa maneira, um tênue parentesco.

Pouco conseguimos encontrar sobre as características físicas de Marco Antônio. Plutarco é, novamente, quem nos dá maiores esclarecimentos sobre tal ponto. Segundo seu relato, Antônio era portador de extrema beleza, principalmente durante sua juventude (PLUTARCO, *Antônio* II,3). Em suas linhas biográficas, tem-se que:

Ostentava grandes ares de dignidade: sua barba majestosa, sua fronte larga e seu nariz aquilino, de modo que sua aparência parecia se assemelhar ao aspecto viril representado por pintores e escultores ao rosto de Hércules. Existia, de resto, uma antiga tradição onde a família de Antônio era heráclidas, descendentes de Anton, filho de Hércules. Antônio procurou afirmar esta tradição tanto por sua aparência física quanto pela forma que se vestia. Alguns relatam que, quando tinha que mostrar-se em público, possuía a túnica suspensa até as coxas, levando ao flanco uma enorme espada e envergava um pesado manto (PLUTARCO, *Antônio* IV, 1-2).

Na concepção do autor acima arrolado, Antônio, apesar de ser naturalmente belo, usava desta beleza para outros fins, para legitimar uma antiga crença, para colocar-se como descendente de grandes heróis. Essa busca de legitimação através da ascendência

---

<sup>4</sup> De acordo com Gurval (1995, p. 17), membro do *Gens Antonia*, Marco Antônio nasceu em Roma por volta do ano 83 a.C. Seu pai era Marco Antônio Crépido, filho do orador Marco Antônio assassinado por Mário, em 86 a.C. Sua mãe, Júlia Antônia, era uma prima distante de Caio Júlio César. Tendo seu pai morrido novo, Marco Antônio e seus irmãos, Caio Antônio e Lúcio Antônio, ficaram sob os cuidados de sua mãe, que se casou com Públio Cornélio Lêntulo, um político que se encontrava envolvido com a conspiração Catilina.

**Volume 21, número 2: 2016**

divina e heroica também podemos notar nas referências sobre César e Augusto. Entretanto, ao tratar desse ponto, os autores aqui analisados apresentam outro tom. Veléio, Plutarco, Suetônio, Floro e Dión Cássio aludem, de formas diversas, a descendência divina de César e Augusto. Contudo, tais personagens, nas obras referendadas, não usam sua constituição física para se legitimarem como herdeiros dos deuses. Essa legitimação é feita através de suas ações, de suas características morais.

Ao contrário do que acontece com Antônio, o futuro Augusto é descrito como alguém belo, mas pouco vaidoso. Essa característica o distancia tanto de César quando de Antônio, homens que aparentam, nos relatos que aqui trabalhamos, possuir uma preocupação demasiada com os aspectos físicos. A vaidade é algo passível de crítica em nossos autores, críticas que não aparecem relacionadas a Augusto.

**Características Morais de Antônio: A Criação de um inimigo de Roma**

As referências sobre estes aspectos são bem mais presentes nas obras de nossos autores, tanto quando falam de Antônio, quanto de Augusto. Para nós, isso ocorre em detrimento da necessidade que os autores enxergam em ressaltar tais características, uma vez que estas são as principais formadoras do caráter e da virtude dos homens.

A princípio, Veléio já nos deixa uma pista sobre como irá caracterizar a índole de Antônio no percorrer de sua obra. Ao narrar a conspiração que se formava para o assassinato de César, o autor diz que:

E a esse acordo de morte haviam se juntado seus colaboradores mais íntimos, Décimo Bruto, Caio Trebônio e outros de nomes ilustres depois que ascenderam, através da fortuna de seu partido, às posições mais relevantes. Havia adquirido um grande ódio contra César seu colega no consulado, Marco Antônio, um homem capaz de qualquer audácia, ao impor-lhe, quando presenciava as festas dos Luperciais diante da tribuna rostral, um distintivo régio, ao qual rejeitou como pode para que isso não fosse interpretado como uma ofensa (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 56).

Através da sentença “um homem capaz de qualquer audácia”, Patérculo já exprime a índole que pretende encontrar nas ações de Antônio. O fato deste ter proposto a César um item que se referia diretamente à monarquia parece ter sido visto pelo autor como algo de má fé, um ato de traição que intentava caracterizar César como um homem

**Volume 21, número 2: 2016**

em busca do poder monárquico, colocando-o em uma posição delicada perante ao Senado e ao povo romano. Desta maneira, parte do ódio direcionado a César tem sua culpa nas atitudes de Antônio.

A mesma referência a esse acontecimento podemos encontrar tanto em Plutarco (*César* LXI, 1-6) quanto em Suetônio (*O Divino Júlio* LXXIX, 9), onde ambos relatam a participação nada conveniente de Antônio nas festas dos *Luperciais* e a tentativa deste de coroar César com uma coroa de louros, símbolo da monarquia. Nos dois relatos, os autores também destacam que César repudiou a coroa, encaminhando-a ao Capitólio, entretanto, o mal já havia sido causado, uma vez que os presentes já passaram a suspeitar das intenções cesarianas. Aqui, novamente, a figura de Antônio aparece ligada a atos impróprios, que não condiziam nem com a sua posição nem com a de César. Neste ponto, é importante ressaltarmos que, segundo pesquisadores por nós aqui estudados, Cícero atribui Marco Antônio como promotor indireto do assassinato de César, seja através de atitudes como aquelas apresentadas nos *luperciais*, seja através de participação em conspirações para o assassinato do general (CANFORA, 2002, p.319; MACMULLEN, 1988, p.514; MENDONÇA, 2007, p.112)

Podemos perceber que esta questão torna-se um divisor de águas nos relatos sobre Antônio, pois todos os nossos autores, de maneiras próprias, aludem a tal ocasião. Floro, apesar da brevidade de seu relato, nos diz que: “Finalmente – apesar de ser duvidoso se foi por seu próprio desejo – Antônio lhe ofereceu, em frente a Rostra, o símbolo da realeza.” (*Epítome de Tito Livio* II, 13). Nesta curta passagem, Floro expõe uma dúvida que deveria ainda prevalecer na sociedade de seu tempo: César queria o Laurel ou as intenções de Antônio ao oferecê-lo era lhe causar mal? Diferente de Veléio, Plutarco e Suetônio, a narrativa floreana não nos dá uma solução para este enigma.

Dión Cássio, um pouco mais crítico ao tratar da figura cesariana, também nos relata sua própria versão desta suposta coroação. Em suas palavras:

Outra coisa que aconteceu, não muito depois destes eventos, dá provas mais claras que, apesar dele (César) tentar esquivar-se do título real, em realidade desejava assumi-lo. Pois, quando ele entrou no Fórum durante o festival de Lupercalia e estava sentado na rostra em sua cadeira dourada, adornado com trajes reais e resplandecente em sua coroa revestida com ouro, Antônio, juntamente com seus companheiros sacerdotes, o saudaram como a um rei e, trazendo um diadema sobre sua cabeça, disse: ‘ O povo lhe oferece isto através de mim’. E César

**Volume 21, número 2: 2016**

respondeu: ‘ Júpiter sozinho é o rei dos romanos’, e enviou o diadema para Júpiter no Capitólio; contudo, ele não estava bravo, mas fez com que constasse nos registros que ele se recusou a aceitar a realeza quando esta lhe foi oferecida pelo povo através do cônsul. Suspeitou-se que tal ocasião foi deliberadamente planejada e ele estava ansioso pelo título, porém desejava parecer alguém compelido a isto; consequentemente, o ódio contra ele intensificou-se (DIÓN CÁSSIO, *História Romana* XLIV, 12).

Podemos notar que Dión apresenta outra interpretação dos fatos. Para ele, César estava ciente que Antônio iria lhe presentear com um laurel. Este teria sido um acordo entre ambos para que César pudesse recusar o presente, afastando-se, assim, das aspirações monárquicas que lhe eram atribuídas em seu tempo. Neste ponto, encontramos uma certa divergência entre as obras de nossos autores. Velício, Plutarco e Suetônio atribuem a Antônio a tentativa de coroação cesariana. Floro e Dión Cássio enxergam César como um dos possíveis culpados para tanto.

Sobre o caráter de Antônio, Plutarco, por conseguinte, também é bastante expressivo. Desde a juventude, segundo este autor, Antônio dá indícios do trajeto que sua vida percorrerá. Na obra plutarqueana, um desses indícios é encontrado na relação que o ainda jovem estabelece com Curião, homem propenso a prazeres vulgares e indecorosos, o qual induziu Antônio a uma vida regada a bebedeiras e a libertinos prazeres sexuais. Foi nesse período que Antônio, entregando-se a atitudes não condizentes com os valores e tradições romanas, teria contraído pesadas dívidas, maculando, desde o início, sua imagem perante Roma (PLUTARCO, *Antônio* II, 3).

Ao sair de Roma, ainda de acordo com o autor supracitado, Antônio teria partido para a Grécia, em busca de instrução tanto nas artes militares quanto naquelas pertencentes ao campo da retórica. Mesmo nesse ponto, o autor não deixa de expressar críticas, uma vez que nos diz que: “Ele adotou o que era conhecido como o estilo asiático de oratória, o qual estava no auge naqueles dias e que possuía, aliás, uma forte semelhança com sua própria vida, orgulhosa e arrogante, de ênfase vazia e caprichosa pretensão.” (PLUTARCO, *Antônio* II, 5). Para além das críticas ao estilo literário, o autor faz clara alusão ao estilo de vida de Antônio, assim como a seu gosto por aquilo de origem estrangeira, como é o caso da escolha de um estilo de oratória asiática. Plutarco, desde então, demonstra que essa propensão pelos artífices estrangeiros está, basicamente,

**Volume 21, número 2: 2016**

intrínseca a Antônio e a sua vida. O mesmo o faz Dião que, em determinado ponto de sua escrita, deixa-nos entrever que Antônio opta em adotar o estilo egípcio, tanto para se vestir quanto para governar, em detrimento do romano (*História Romana* XLVIII, 30). Aqui, mais uma vez, encontra-se uma dessemelhança com César e Augusto, que são retratados pelos autores por nós estudados, como homens cultos, que buscaram ensinamentos com professores de certa fama nos assuntos pertencentes às técnicas da oratória e da retórica. Além disso, César, desde cedo, mostrava prodigioso dom para a oratória e para eloquência, dom este que também é atribuído a seu sobrinho neto.

Outras alusões aos costumes repreensíveis de Antônio são realizadas tanto na biografia plutarqueana de César, quanto na de Antônio. Nas análises sobre o general assassinado, Plutarco já dá indícios da propensão de Antônio para festas e bebedeiras, como é o caso do seguinte trecho: “[...] a bebedeira de Antônio, o qual demoliu a casa de Pompeu e a reconstruiu, pois julgava não ser bastante grande para ele” (PLUTARCO, *César* LI, 1-4). A mesma caracterização aparece na biografia de Antônio, quando o autor nos fala que o romano possuía o ato de beber grandes quantidades na frente de todos, além de possuir o espírito fanfarrão e zombeteiro (PLUTARCO, *Antônio* IV, 4). Notamos aqui outro ponto distintivo entre César e Antônio, enquanto o último não se priva do consumo de grande quantidade de bebidas, César, como mostra Suetônio, apresenta sua sobriedade inclusive sobre esse assunto: segundo o biógrafo, o general era extremamente moderado no consumo de vinhos, característica essa que é elogiada tanto por Suetônio quanto por outros autores de seu tempo, como é o caso de Catão (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LIII, 1-2). Por sua vez, a mesma parcimônia com a bebida é atribuída a Augusto pelo autor, uma vez que o futuro governante não demonstra ser adepto das bebidas e, ainda, possuía hábitos alimentares simples, consumindo, inclusive, alimentos considerados de qualidade inferior (*O Divino Augusto* LXXVI, 1-2; LXXVII, 1).

Sobre a disposição de Antônio frente ao consumo de bebidas, Velício também nos fala. Em meio a suas descrições, o autor chega a dizer que, ao se tratar de atividades militares: “Antônio era melhor que muitos, quando estava sóbrio [...]” (VELÍCIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 63). Em outras palavras, o gosto pela bebida é, para nosso autor, um dos motivos que atrapalham o desempenho de Antônio. Um relato parecido encontramos em Dião Cássio:

**Volume 21, número 2: 2016**

Quanto a Antônio, apesar dele se manter informado acerca de todas essas operações, como sem dúvida ele fez sobre o que acontecia em terras itálicas (ele não ignorava tais questões), ele ainda falhou, em ambos os casos, para tomar medidas defensivas a tempo; ao invés disso, ele estava tão submerso em sua paixão e em sua bebedeira que nem pensou em seus aliados ou em seus inimigos (DIÓN CÁSSIO, *História Romana* XLVIII, 27).

Antônio aparece nas linhas cassianas da mesma forma que é citado pelos outros autores: como um homem desvirtuado pela bebida e por suas paixões, vícios que lhe tornam incapaz de desempenhar suas funções, de auxiliar seus aliados. Em nossa visão, notamos aqui a base para a construção de uma imagem discursiva de Antônio, representação elaborada com intenções certas, frutos da sociedade em que os personagens se inseriram e disseminada através do tempo. Ao encontramos narrativas semelhantes em autores de períodos diversos, conseguimos perceber que esta imagem de Antônio, criada em um momento específico, é algo presente no desenvolver da sociedade romana, sendo constantemente criada e re-criada para exemplificar aspectos ainda presentes nos tempos de nossos autores. Além disso, servem para legitimar, através do uso da memória, a posição de Augusto e, por conseguinte, desacreditar seu opositor político, Antônio.

Sobre o desempenho das funções militares de Antônio, os relatos também são profusos. Plutarco coloca que a primeira participação em campanhas militares deste cidadão romano foi sob o comando do cônsul Aulo Gabínio (PLUTARCO, *Antônio* III,1). Em nossa interpretação, o autor, ao relatar tais acontecimentos, deixa-nos entrever sinais da personalidade de Antônio. A negação de agregar as tropas de Gabínio em uma posição inferior é indicativa dos traços arrogantes e audaciosos já atribuídos a Antônio.

É a partir desse bom desempenho nas tropas de Gabínio que Antônio passa a se destacar, no que concerne aos assuntos militares, perante a sociedade romana. O próximo passo na carreira deste militar é vir a integrar o círculo de poder de outro destacado cidadão romano, Caio Júlio César<sup>5</sup>. De acordo com Plutarco:

[...] E então Curião, que havia mudado de lado e estava agora favorecendo a causa de César, trouxe consigo Antônio. Como Curião possuía grande influência sobre a multidão devido a sua eloquência e

<sup>5</sup> De acordo com alguns pesquisadores, Antônio passa a desempenhar funções sobre o comando de César em 54 a.C.

**Volume 21, número 2: 2016**

fazendo grande uso das somas fornecidas por César, conseguiu nomear Antônio tribuno da plebe e, em seguida, um dos sacerdotes, chamados de áugures<sup>6</sup>, que observam os voos das aves. Assim que Antônio assumiu suas novas funções, ele foi de grande assistência para aqueles que se ocupavam da gestão dos assuntos de interesse de César (PLUTARCO, *Antônio* V, 1-2).

Plutarco destaca, deste modo, o primeiro cargo ocupado por Antônio: o tribunato<sup>7</sup>. Além disso, ressalva, igualmente, a primeira função no meio religioso romano: a nomeação como um *áugure*. Notamos que tais desempenhos ocorrem em um momento específico da história romana, quando se precipitavam os primeiros eventos da guerra civil, fazendo com que a sociedade se dividisse entre Pompeu e César, políticos em destaque no momento. Ao se colocar ao lado dos cesarianos, Antônio passa a ser pertencente e defensor de uma ideologia política, aquela que se ligava tanto a César quanto aos *Populares*.

No desenrolar dos acontecimentos, podemos reparar nas descrições plutarqueanas que, quanto maior o nível de poder que Antônio alcança, maior são as manifestações de seu caráter e de sua índole, manifestações estas que, na grande maioria das vezes, refletem uma péssima imagem.

A falha cesariana, apresentada por Plutarco, foi confiar nos dons militares que Antônio demonstrava. Realmente, segundo o autor, suas conquistas nos assuntos militares eram grandes, apesar de suas virtudes não as acompanharem (PLUTARCO, *Antônio* VII). Sobre este assunto, Suetônio também nos fala, uma vez que o autor ressalta a importante participação de Antônio e das tropas sobre seu comando no cerco das legiões pompeianas (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXIV, 35 e 36). Mais uma vez, notamos neste quesito outra diferença entre as narrações sobre Marco Antônio e Augusto. Enquanto o primeiro

---

<sup>6</sup> Os *áugures* são sacerdotes romanos que observavam os hábitos de animais em buscas de presságios e auspícios

<sup>7</sup> Antônio é eleito tribuno da plebe por volta de 50 a.C.. Os tribunos são representantes das *tribus*. O tribunato da plebe foi criado entre 494 e 493 a.C., quando é possível se verificar nos relatos antigos a primeira secessão da plebe. Eram eleitos pelos *concilia plebis*, também conhecidos por *comitia plebis tribuna*, ou seja, pela assembleia popular. Não eram magistrados porque não podiam consultar os auspícios. Exerciam os *iusauxilii* (*auxiliumtribunicium*) e tinham como principal função defender pessoas e propriedades da plebe. Para tanto, podiam convocar e presidir comícios plebeus, editar medidas e exercer o direito de voto. Seus poderes eram restritos a Roma e invioláveis. Seus poderes se modificaram com o passar do tempo, ampliando-se e configurando-se de acordo com os novos moldes governamentais (AZEVEDO, 1999, p.440).

**Volume 21, número 2: 2016**

apresenta um maior desvirtuamento conforme assume cargos políticos de grande importância, o segundo apresenta-se de forma oposta, aumentando as características benéficas de sua personalidade à medida que aumenta seu poder. Suas falhas, quando apresentadas, estão interligadas com sua ingenuidade. Logo, a sabedoria augustana aumenta com o tempo, ao contrário de Antônio, que aparenta diminuir.

É após o assassinato de César, que as atitudes de Antônio parecem ser mais expressivas. Ainda, é também a partir deste ponto que podemos estabelecer comparações mais profusas entre Marco Antônio e o futuro Augusto.

Patérculo salienta a atitude conciliatória adquirida pelo cônsul neste conturbado momento. Segundo seu relato:

Convocada uma reunião do Senado, Dolabela, a quem César havia designado para lhe suceder no consulado, tomou a frente e as insígnias consulares. Antônio, como negociador da paz, enviou seus filhos como reféns ao Capitólio e ofereceu garantias de segurança aos assassinos de César que ali comparecessem. E, como aquele famoso exemplo do decreto dos atenienses, a partir da proposta de Cícero, foi confirmada uma anistia pelos senadores (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 58).

Na descrição veleiana, Antônio aparece como um conciliador, um estrategista político que foi capaz de, em uma ocasião de grande tensão, apaziguar os ânimos.

Esse caráter conciliatório de Antônio com a sociedade romana aparece também em Plutarco, que é bem detalhista sobre este ponto. Para o beociano:

Isso foi feito como o planejado, e César sucumbiu na câmara do Senado. Rapidamente, Antônio vestiu-se com um traje de escravo e escondeu-se. Porém, ao saber que os conspiradores não empreendiam nada contra ninguém, estando apenas reunidos no Capitólio, ele os persuadiu a descer dando-lhes seu próprio filho como refém; além disso, ele mesmo entreteve Cássio, enquanto Lépido entreteve Bruto. Em seguida, reuniu o Senado e falou em prol de uma anistia e da atribuição de províncias a Cássio, Bruto e seus cúmplices e o Senado ratificou essa proposta, decretando também que não se mudaria nenhuma das decisões de César. Antônio deixou o Senado como o mais ilustre dos homens; uma vez que pensou-se que ele havia colocado um fim na guerra civil e por ter lidado como um político prudente com questões que envolviam grande dificuldade e extraordinária confusão. A partir de considerações como estas, no entanto, a sua reputação junto a multidão logo o abalou, e ele passou a ter esperanças que seria o primeiro no Estado se abatesse Bruto (PLUTARCO, *Antônio* XIV, 1-3).

**Volume 21, número 2: 2016**

Novamente, Plutarco deixa entrever o fato de que a personalidade de Antônio muda de acordo com sua posição frente a Roma e a seus cidadãos. Assim, o seu caráter conciliatório transforma-se a partir do momento em que este percebe que possui certa reputação em meio ao povo, fazendo-lhe mudar de planos para ascender ainda mais ao poder.

Para Dión, Antônio não apresenta o mesmo temperamento neste momento. Segundo este autor:

Quanto a Antônio, apesar dele ter fugido imediatamente após a morte de César, jogando fora o seu manto a fim de não ser detectado e escondendo-se na noite, quando teve certeza que os assassinos estavam no Capitólio e Lépido no Fórum, reuniu o restante do Senado no recinto de Tellus e apresentou os acontecimentos no momento da deliberação (DIÓN CÁSSIO, *História Romana* XLIV, 22).

Notamos que Antônio apresenta duas características nas linhas acima: covardia e oportunismo. Torna-se um covarde quando foge de Roma por temer ser o próximo a ser assassinado. Em contrapartida, figura como um oportunista quando aproveita a ocasião e a ausência dos conspiradores para reunir o Senado na surdina, forçando a deliberação dessa instância acerca dos acontecimentos fatídicos.

Logo, é fazendo uso da morte de César, que, segundo nossos autores, Antônio passa a colocar-se de outra maneira perante a sociedade.

Plutarco ainda enfatiza as ações deste homem após tais acontecimentos, quando este, aproveitando-se da confiança depositada em si por Calpúrnia, viúva de César, e dos partidários cesarianos, passa a fazer uso dos espólios de César e a alterar os projetos e intenções que este havia deixado registrados em meio a seu testamento (PLUTARCO, *Antônio* XV, 1-3). Nesta oportuna ocasião, o beociano descreve que as ações de Antônio condiziam com a de um senhor absoluto, alguém disposto a ocupar o lugar principal nos assuntos concernentes a Roma (PLUTARCO, *Antônio* XV,3).

Observamos que as ações de Antônio perante o assassinato de César distanciam-se daquelas apresentadas pelo herdeiro cesariano. Enquanto o primeiro passa a ser narrado como um oportunista, alguém em busca do poder individual, o segundo transforma-se em um jovem determinado, que lutava por aquilo que lhe era destinado. Tais personagens personificam-se, a partir deste momento, em suas antíteses.

**Volume 21, número 2: 2016**

Outras considerações acerca dos caracteres de Antônio e Otávio são realizadas a partir deste momento. Os relatos abordam desde o primeiro encontro entre tais homens até a formação do segundo pacto triunviral. Os mesmos são bastante significativos para entendermos como as imagens de tais personagens são construídas paralelamente aos acontecimentos da sociedade romana.

É em detrimento dos traquejares de sua personalidade que Antônio passa a se relacionar com mulheres de dúbio caráter, tal como a governante ptolomaica, Cleópatra VII. Ainda de acordo com as linhas plutarqueanas:

Tal, então, era a natureza de caráter de Antônio, que agora abismou-se na desgraça pelo amor de Cleópatra, amor que despertou e desencadeou nele inúmeras paixões adormecidas e sufocou o que, apesar de tudo, podia ainda existir de bom e saudável em sua alma (PLUTARCO, *Antônio* XV, 1).

A relação de Antônio com Cleópatra torna-se, a partir deste ponto, o eixo central da narrativa plutarqueana. A vida do cidadão romano irá girar em torno de suas ações sob o jugo desta estrangeira. Aqui, novamente, o autor beociano passa a realizar um destacamento das atitudes do biografado que demonstram seu caráter, suas virtudes e seus vícios.

Patérculo também enxerga na relação entre a governante egípcia e o triúmviro romano as causas da derrocada de Antônio. Para este autor: “Mais tarde, ao inflamar sua paixão por Cleópatra e como resultado de sua enorme degradação moral, a qual sempre aumenta ao encontrar possibilidades [...].” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 82). Ou seja, para este autor, a união com a soberana ptolomaica possibilita que Antônio aumente seus defeitos morais, o que, futuramente, será a causa da guerra contra Otaviano.

Suetônio refere-se, igualmente, à relação entre Antônio e a herdeira ptolomaica. No entanto, não se estende muito na descrição desta. O autor destaca a manutenção destas relações e o que os frutos desta vieram a ocasionar na sociedade romana: uma nova guerra civil (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVII, 1-2).

A narrativa floreana também é bastante profusa sobre este ponto da vida de Antônio, como podemos notar abaixo:

**Volume 21, número 2: 2016**

A loucura de Antônio, uma vez que esta não podia ser apaziguada pela satisfação de sua ambição, foi trazida a um fim por seu luxo e libertinagem. Após a expedição contra os partos, ele adquiriu uma repugnância pela guerra, vivendo uma vida fácil e, escravo do amor por Cleópatra, permaneceu em seus braços reais como se tudo estivesse indo bem para ele. A mulher egípcia exigiu do general bêbado, em troca de seus favores, o Império Romano; e, isto, Antônio lhe prometeu [...] (FLORO, *Epítome de Tito Lívio* II, 21).

É nas linhas plutarqueanas e cassianas que aparecem as profusas descrições do relacionamento estabelecido entre Antônio e Cleópatra. Plutarco aponta desde o primeiro encontro onde, sabendo do gosto pela excentricidade de Antônio, a ptolomaica dirige-se a ele em meio a uma gama de artífices luxuosos, que pretendiam evidenciar a sua riqueza e seu poder. Antônio, que possuía como um de seus vícios o gosto pela ostentação e por festins, teria ficado admirado, entregando-se, desde o princípio a esta relação que não lhe seria de nada proveitosa (PLUTARCO, *Antônio* XXV, XXVI e XXVII).

Dión Cássio, de forma mais contida, alude ao encontro dos futuros amantes. Em suas linhas:

Durante esse mesmo período, após a batalha de Filipi, Marco Antônio viajou para a Ásia, onde arrecadou contribuições das cidades e vendeu as posições de autoridade; algumas destas províncias ele visitou pessoalmente e, para outras, enviou homens de confiança. Enquanto isso, ele apaixonou-se por Cleópatra, que ele tinha visto na Cilícia, e, depois disso, não pensou mais em sua honra e tornou-se escravo da mulher egípcia, devotando seu tempo para esta paixão. Isto levou-o a fazer muitas coisas ultrajantes [...] (DIÓN CÁSSIO, *História Romana* XLVIII, 24).

Mais uma vez, o amor por Cleópatra é corrosivo. Destrói Antônio, tira-lhe tudo, inclusive o sentimento de ser romano. Notamos aqui mais um distanciamento realizado pelos autores entre Júlio César e Antônio. Ambos mantiveram relações com Cleópatra VII, no entanto, César soube se desvencilhar desta perigosa associação, tornando a se concentrar nos assuntos pertencentes a Roma e a seus concidadãos. Ao contrário de seu amigo, Antônio não o fez. Para Plutarco, assim como todos os outros autores, este se deixou levar, esquecendo-se de seus princípios e de suas responsabilidades perante Roma, dando mostras de sua personalidade, de suas falhas morais e desvirtuosas.

**Volume 21, número 2: 2016**

Na continuação de sua descrição, Plutarco elenca inúmeras atitudes de Antônio que não condiziam com suas funções romanas. Em suas palavras:

Conquistou tão completamente Antônio que, no instante mesmo em que sua mulher Fúlvia lutava em Roma contra César para resguardar os interesses do marido; em que ele próprio era ameaçado por um exército parto que pairava sobre a Mesopotâmia (nesta região, os generais do rei tinham apontado Labieno como comandante chefe e este já se preparava para invadir a Síria), ele deixou-se levar para Alexandria. Ali, em meio a jogos e festins de um jovem homem de lazer, desperdiçava com prazeres aquilo que Antifonte chamava de o mais precioso dos bens, o tempo (PLUTARCO, *Antônio* XXVIII, 1).

Para o beociano, Antônio teria ficado contra sua esposa, além de deixar de cumprir suas funções para com Roma. Isso levou ao estremecimento das bases que sustentavam o acordo triunviral com Otaviano e Lépido (PLUTARCO, *Antônio* XXIX; XXX).

As falhas e os vícios de Antônio mais uma vez são os causadores de sua derrocada. Ao voltar a se relacionar com Cleópatra, o romano dá as costas para sua esposa Otávia e, com isso, para a pouca estabilidade que esse laço familiar lhe proporcionava com seu irmão, Otaviano. Assim, Antônio era o único culpado por sua degeneração. Sua relação com Cleópatra e, por conseguinte, seu pendor pelos artífices de um rei o transformaram em um monstro. Curioso notar que Floro (*Epítome de Tito Lívio* II, 21) ressalva que Antônio buscava pelo poder único e, não, o herdeiro de César, distanciando este último de qualquer característica autoritária e despótica. Logo, mais um distanciamento é realizado por este autor entre as imagens de Antônio e o futuro Augusto e, por conseguinte, entre Antônio e César. Isso porque, parece-nos, que é Antônio que, nas vidas dos outros dois personagens, estabelece laços com a Monarquia. Em relação a César, é ele, enquanto cônsul, que lhe oferece o laurel; em um momento posterior, onde desempenha funções de triúmviro, é ele que almeja tornar-se rei.

Plutarco ainda enumera várias ações de Antônio que culminaram na guerra contra Otaviano e, por conseguinte, contra a própria Roma (PLUTARCO, *Antônio* XXXVI, 3-4).

A deflagração civil entre Antônio e Otaviano é abordada pelos cinco autores. Estes colocam em Antônio a maior parte da culpa, uma vez que seu desregramento moral fez

**Volume 21, número 2: 2016**

ele declarasse guerra a sua própria pátria (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 82).

Interessante notar é que Plutarco e Dión Cássio ressalvam uma questão que não aparece nas obras dos outros autores. Eis o que eles nos falam:

Quando César já contava com preparativos suficientes, votou-se para que se decretasse guerra contra Cleópatra e para que se tirasse de Antônio a autoridade a qual ele tinha rendido a uma mulher. A isto, César adicionou que Antônio tinha sido enfeitiçado e que não era mais senhor de si mesmo, e que os romanos guerreavam contra o eunuco Madião, Potino, Iras, a dama de companhia de Cleópatra e Charmian, justamente os encarregados por gerir os principais assuntos do governo (PLUTARCO, *Antônio* LX, 1).

Esta foi a razão pela qual eles votaram pela guerra contra Cleópatra, porém, eles não fizeram declaração igual contra Antônio, na realidade sabendo muito bem que ele iria se tornar um inimigo, uma vez que não se voltaria contra ela e defenderia César, e eles desejavam ter esta última acusação contra ele, onde ele teria voluntariamente iniciado uma guerra ao lado da mulher egípcia contra seu próprio povo [...] (DIÓN CÁSSIO, *História Romana* L, 6).

Logo, o beociano expõe os motivos para a guerra alegados por Otaviano. Não se tratava de uma guerra civil, uma vez que a disputa não era entre dois cidadãos romanos. Antônio estava compelido por forças misteriosas, não era mais senhor de si mesmo. A guerra era contra um reino e contra uma rainha estrangeiros, contra Cleópatra e seus súditos. Para Dión, um pouco mais crítico, a guerra contra Cleópatra configurava-se em um pretexto para desviar a atenção do verdadeiro motivo: a guerra contra Antônio.

A morte de Antônio também é extensivamente narrada por Plutarco. Assim como nas linhas cassianas, aqui, até mesmo nessa ocasião, a culpa pelo seu suicídio recai sobre a rainha ptolomaica. Ele se mata por acreditar que ela estava morta (PLUTARCO, *Antônio* LXXVI e LXXVII). A reação de César, ao saber da notícia do suicídio é também referendada. Nas palavras do autor: “Ante a notícia, César retirou-se para os fundos da tenda e chorou por aquele que fora seu parente, seu colega e companheiro em tantos combates e empreendimentos.” (PLUTARCO, *Antônio* LXXVIII, 2).

Sobre os acontecimentos após a morte de Antônio, Dión e Floro igualmente destacam que Cleópatra, percebendo a importância que o herdeiro de César adquirira perante Roma, tenta persuadi-lo com os mesmos estratagemas que utilizou com Júlio

**Volume 21, número 2: 2016**

César e Antônio. Entretanto, os autores são unânimes em dizer que o jovem César não sucumbiu em face das artimanhas da rainha. A beleza da ptolomaica, assim como a sua fala cativante e inebriante, não eram páreos para o auto-controle e a determinação daquele que um dia iria ser nomeado como Augusto (FLORO, *Epítome de Tito Livio* II, 21; DIÓN CÁSSIO, *História Romana* LI, 11-13).

No desenrolar da narrativa veleiana, podemos encontrar também referências da atitude do jovem César perante sua vitória e na perseguição aos fugitivos, Antônio e Cleópatra. Novamente, Veléio a descreve como clemente:

Antônio não tardou em suicidar-se, sendo que com sua morte expiou seus numerosos crimes (consequências) de sua negligência. De sua parte, Cleópatra, depois de burlar seus guardas, servindo-se de uma áspide, sem sentir o temor próprio de uma mulher, morreu da picada. E foi digno da fortuna e da clemência de César o fato de que nenhum dos que haviam pegado em armas contra ele, fora morto por ele ou por ordem dele (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 87).

Para Dión Cássio, Antônio e Cleópatra causaram muito mal, tanto aos egípcios quanto aos romanos. De acordo com esse mesmo autor, Antônio mostrou-se incapaz de compreender as funções e deveres que sua posição junto a Roma exigiam, cometendo, assim, muitos atos insensatos. Apesar de algumas vezes o mesmo se distinguir por sua bravura, a maioria de suas ações falhavam por sua covardice. Ele demonstrou compaixão para muitos que não a mereciam, mas puniu muitos outros injustamente. Em outras palavras, a cada virtude apresentada por tal homem, somavam-se várias falhas (DIÓN CÁSSIO, *História Romana* LI, 18). A maior desta estava em sua constante oposição ao herdeiro de César, futuro Augusto.

Opostas as imagens discursivas sobre Marco Antônio, deparamo-nos com as construções sobre Augusto. Seu caráter, sua moral, são compostos de todas as características que faltavam em seu inimigo político, Antônio. Assim, após a morte deste último, a figura deste jovem romano irá resplandecer na Roma de seu tempo, projetando-se, inclusive, em momentos posteriores.

### **Considerações Finais**

Através dessa breve exposição que fizemos acima, conseguimos perceber alguns dos relatos de nossos autores acerca da vida de Antônio e de Augusto. Cada autor a sua própria maneira, seguindo suas concepções e as formas de escritas por eles selecionadas, descrevem e analisam as vidas destes importantes personagens do republicano romano.

Antônio e suas ações aparecem como uma espécie de pano de fundo, na maior parte da obra de nossos autores, sempre conectadas a Júlio César ou a Otaviano. Isso pode ser fruto tanto da abordagem de tais autores que, como já salientamos, enfatizam suas descrições em torno de determinados personagens e imperadores romanos; quanto ao papel que tais escritores atribuem a Antônio. Plutarco, por conseguinte, já denota maior importância às ações deste romano perante Roma e aos eventos do período. Para ele, cria uma biografia própria, algo que não podemos encontrar em outros escritores do período. Nesta, suas ações são descritas de forma pormenorizada, destacando-se seus vícios, suas virtudes, seu caráter e sua moral.

Em um viés diferente, temos Augusto. Este constitui-se como um tipo de personagem principal, sendo constantemente retratado a partir de diversos pontos, contudo, com uma imagem que parece prevalecer em todas as obras por nós analisadas. Augusto é o retrato do bom governante, herdeiro de Júlio César e bom *Princeps*, enquanto Marco Antônio é personificado como sua antítese.

Logo, mesmo com a constatação de diferenças nas obras de nossos autores, chamam-nos a atenção as semelhanças. Semelhanças estas que estão nas informações que tais autores nos passam, nas descrições acerca de Antônio e na conceituação da personalidade deste personagem. Descrições que, mais uma vez, utilizam-se da tradição romana no intuito de legitimar tanto a figura de *Princeps* como o sistema político do Principado Romano. Em nossa concepção, cada autor fala à sua própria maneira, mas todos buscam legitimar o sistema político do Principado como um todo e, para isso, fazem uso das descrições de Marco Antônio e Augusto.

**Volume 21, número 2: 2016**

**Documentação**

- CASSIUS DIO COCCEIANUS. *Roman History*. Introduction, notes and english translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961, vols. I -
- CASSIUS DIO. *Roman History 53.1 – 55.9*. Introduction, notes and english translation by J. W. Rich. London: Aris& Phillips, 1990.
- CICERO. *Epistula ad Familiares*. Volume X. Tradução D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: University of Cambridge, 1977.
- CICERO. *Letters to Quintus and Brutus. Letter Fragments. Letter to Octavian. Invectives. Handbook of Electioneering*. Tradução D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: University of Cambridge, 2002.
- DIO. *Roman History: The Julio-Claudians. Selection from books 58 – 63*. Introduction, notes and english translation by Jonathan Edmonson. London: London Association of Classical Teachers, 1992.
- DION CASSIUS. *Histoire Romaine*. Traducción, Introducción et Notes par Guy Lachenaud et Marianne Coudry. Paris: Les Belles Lettres, 2011
- FLORO. *Epitome of Roman History*. Introduction, Translation and Notes of Edward Seymour Forster. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- FLORO. *Epítome de la Historia de Tito Livio*. Introducción, traducción y notas de GregorioHinojo Andrés y Isabel Moreno Ferrero. Madrid: Gredos, 2000.
- PLUTARCH. *The Parallel Lives*. Londres: Loeb Classical Library edition, 1919, 4v.
- \_\_\_\_\_. *The Parallel Lives*. Londres: Loeb Classical Library edition, 1919, 5v.
- \_\_\_\_\_. *Plutarch's Lives*. Tradução, introdução e notas explicativas de BernadottePerrin. Cambridge/ London: Loeb Classical, 1967, p. XI – XIX.
- \_\_\_\_\_. *The Lives of the Noble Grecians and Romans*. Trans. Thomas North. Ed. Judith Mossman. Ware: Wordsworth Editions, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife*. Traduções, Comentários, Ensaio Interpretativo e Bibliografia. Oxford: University Press, 1999.
- PLUTARCO. *Da Educação das Crianças*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Joaquim Pinheiro. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Como Tirar Proveito de Seus Inimigos*. Prefácio e notas de Pierre Maréchaux. Trad. Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PLUTARCO, SUETÔNIO. *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007
- PLUTARQUE. *Vies Parallèles I*. Traduction: J. Alexis Pierron. Revue et Corrigiée par Françoise Frazier. Introduction, notices, notes, bibliographie et chronologie par Jean Sirinelli. Paris: Flammarion, 1995.
- SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Préface de Marcel Benabou. Paris: LesBellesLettres, 1975.
- SUENTONNIUS. *The Lives of Caesars*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- SUENTONNIUS. *The Lives Of The Twelve Caesars – Complete*. Los Angeles: Echo Library, 2006.
- SUETONIO. *Vida de Los Doce Césares. Vol. I*. Madrid: Gredos, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Vida de Los Doce Césares. Vol. II*. Madrid: Gredos, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Vida de Los Doce Césares. Vol. III*. Madrid: Gredos, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Vida de Los Doce Césares Vol. IV*. Madrid: Gredos, 1992.
- VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História Romana II*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.
- VELLEIUS PATERCULUS. *Histoire Romaine T I: Livre I*. Trad. Joseph Hellegouarch. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

**Volume 21, número 2: 2016**

\_\_\_\_\_. *Histoire Romaine T II: Livre II*. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

**Referências Bibliográficas**

- AZEVEDO, A. C. A. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CANFORA, L. *Júlio César: o ditador democrático*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.
- GURVAL, R. *Actium and Augustus: the Politic and Emotions of Civil War*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- HARRINGTON, D. Cassius Dio: The Augustan Settlement. *The Classical World*, Vol. 86, No. 2 (Nov. - Dec., 1992), p. 177-179.
- HAVAS, L. La conception organique de l'Histoire sous l'Empire romaine et ses origins. *Acta Classica Universitatis Scientiarum Debreceniensis*, nº19, 1993, p. 239 – 259.
- HAWLEY, R. Practicing what you preach: Plutarch's sources and treatment. *Plutarch's Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife*. Oxford: University Press, 1999, p. 116-127.
- HUZAR, E. *Mark Antony*. Minneapolis: University of Minnesota, 1978.
- JACQUES, F., SCHEID, J. *Rome et L'Intégracion de L'Empire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- JAL, P. Introducción. In FLORUS. *Oeuvres*. Paris: Les Belles Lettres, 1967, Tome I.
- JONES, P.J. *Cleopatra: A Sourcebook*. Norman: University of Oklahoma Press, 2006.
- KAMM, A. 2006. *Julius Caesar: A Life*. London: Routledge.
- MACMULLEN, R. *Corruption and the Decline of Rome*. Yale University Press, 1988.
- MENDONÇA, A.S.M. Introdução a Suetônio. In PLUTARCO, SUETÔNIO. *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- SAGE, P. Quelques aspects de l'expression narrative dans les XII Césars de Suétone. *RBPh*, Paris, t. 57, 1979, p.18 – 50.